



Aprender

sem medo.

CAMPANHA GLOBAL PARA

ACABAR COM A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

resumo do relatório





As fotografias usadas neste documento ilustram crianças de comunidades e grupos com os quais a Plan trabalha, mas elas não são, necessariamente, vítimas de violência.

Publicado pela Plan Limited, Chobham House, Christchurch Way, Woking, Surrey GU21 6JG.

Plan Limited é uma subsidiária da Plan International, Inc. (sociedade sem fins lucrativos registrada no Estado de Nova York, EUA). Sociedade Limitada registrada na Inglaterra. Número de registro: 03001663.

A presente publicação também está disponível on-line nos sites:

www.plan.org.br/publicacoes (em português)

www.plan-international.org/publications (em inglês)

Publicado pela primeira vez em 2008.

Texto e fotos © Plan 2008

Todos os direitos reservados. Nenhum trecho desta publicação pode ser reproduzido, armazenado em um sistema de recuperação de dados ou transmitido, de qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eles eletrônicos, mecânicos, por fotocópia ou de outra forma, sem a autorização prévia da Plan Ltd.



Aprender

sem medo.

Plan é uma das mais antigas e maiores organizações internacionais de desenvolvimento, operando em 66 países.

A campanha Aprender Sem Medo concentra sua atenção nestes 66 países, mas também visa criar um impulso global rumo à mudança que irá melhorar a vida de milhões de crianças que estão além do alcance direto da Plan.

Este é um resumo do relatório Aprender Sem Medo: a campanha global para acabar com a violência nas escolas (Plan, outubro de 2008). O relatório foi elaborado a partir de informações provenientes da Iniciativa Global para Acabar Com Todo o Castigo Corporal Contra Crianças – Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children, em inglês – (www.endcorporalpunishment.org) e de pesquisas especialmente conduzidas por:

- Nicola Jones; Karen Moore; Eliana Villar-Marquez; e Emma Broadbent - (2008) Lições dolorosas: as políticas de prevenção de violação sexual e intimidação na escola. Londres: Overseas Development Institute.
- Catherine Blaya e Eric Debarbieux (2008) - Expulse a violência! Uma análise sistemática das intervenções para impedir castigo corporal, violência sexual e bullying nas escolas. Bordeaux: International Observatory on Violence in Schools.
- Karen Moore; Nicola Jones; e Emma Broadbent (2008) - Violência escolar em países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). Londres.

Todos estes documentos estão disponíveis no site: plan-international.org/learnwithoutfear (em inglês)

Acima: © Alf Berg. Aluna, Índia.
Direita: © Mark Read. Jogo de Encenação.

Página de rosto (esquerda para a direita):
© Mark Read. Jogo de Encenação.
© PhotoAlto/Laurence Mouton.
© Alf Berg. Jogo de Encenação.

A violência contra crianças nas escolas é um problema global. Ela tem um efeito devastador na vida de milhões de crianças a cada ano.

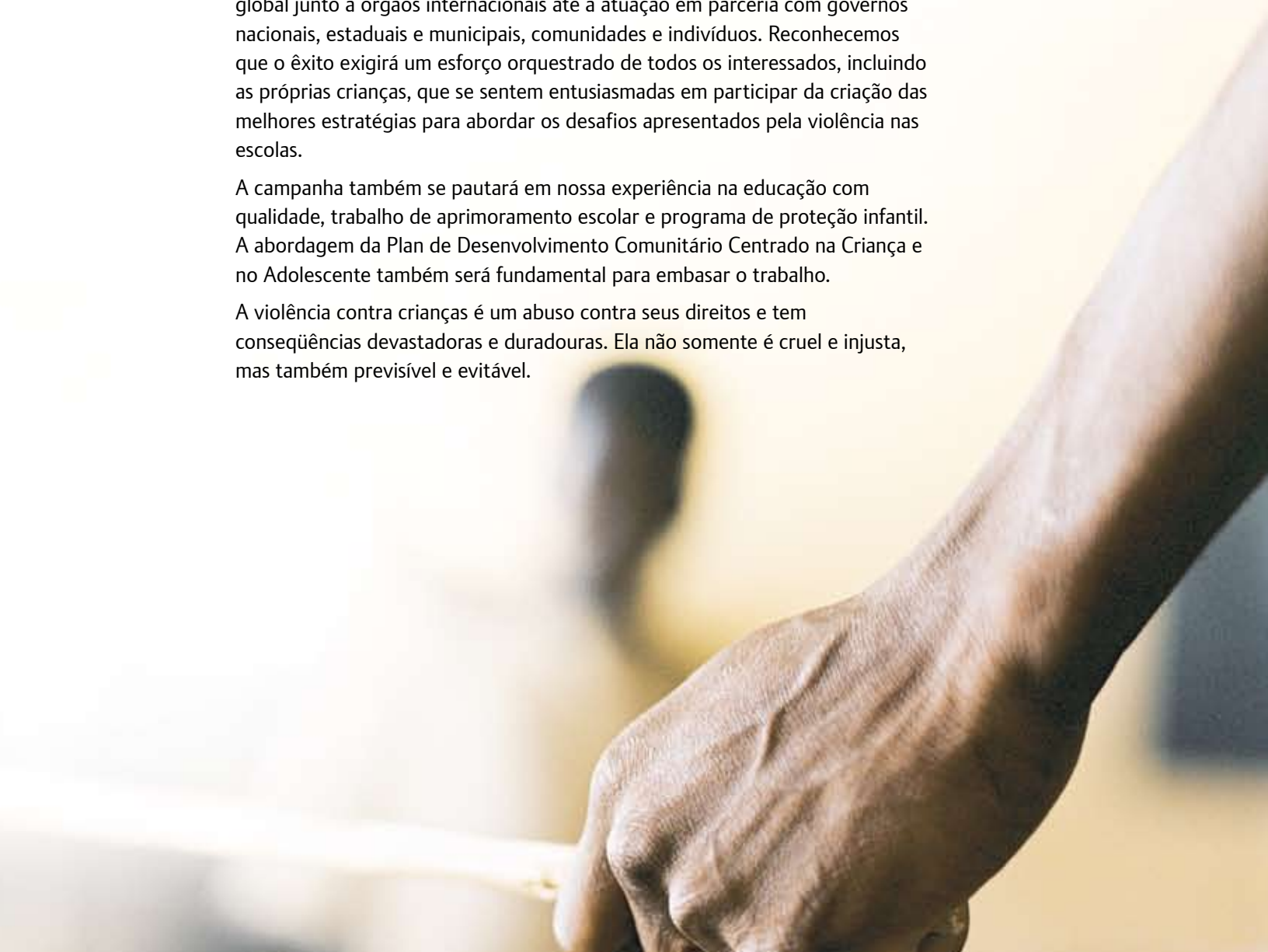
A campanha Aprender Sem Medo da Plan enfrentará o problema da violência contra crianças na escola. A campanha concentra-se no castigo corporal, na violência sexual e bullying – os principais problemas que afetam crianças em idade escolar e as comunidades em que atuamos.

Respalhada pelos artigos da Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas e pelas Metas de Desenvolvimento do Milênio, a campanha se fundamentará no ímpeto gerado pelo Estudo sobre Violência contra Crianças elaborado em 2006 pelo Secretário Geral da ONU.

Aprender Sem Medo funcionará em diversos níveis: a partir do trabalho global junto a órgãos internacionais até a atuação em parceria com governos nacionais, estaduais e municipais, comunidades e indivíduos. Reconhecemos que o êxito exigirá um esforço orquestrado de todos os interessados, incluindo as próprias crianças, que se sentem entusiasmadas em participar da criação das melhores estratégias para abordar os desafios apresentados pela violência nas escolas.

A campanha também se pautará em nossa experiência na educação com qualidade, trabalho de aprimoramento escolar e programa de proteção infantil. A abordagem da Plan de Desenvolvimento Comunitário Centrado na Criança e no Adolescente também será fundamental para embasar o trabalho.

A violência contra crianças é um abuso contra seus direitos e tem conseqüências devastadoras e duradouras. Ela não somente é cruel e injusta, mas também previsível e evitável.



Castigo corporal

Extensão

O castigo corporal nas escolas assume diversas formas, variando desde professores batendo nas crianças com a mão, até o ato de queimar, esgaldar ou forçar as crianças a sentar em posições desconfortáveis por períodos prolongados.

Noventa países dos 197 monitorados pela Iniciativa Global para Acabar Com Todo o Castigo Corporal Contra Crianças permitem, legalmente, que os professores batam em crianças. Mesmo em países em que o castigo corporal é ilegal, as leis que protegem as crianças frequentemente não são cumpridas.

Habitualmente, meninos sofrem maior violência de seus professores do que as meninas. No Egito, por exemplo, 80% dos meninos haviam sofrido castigo corporal na escola, comparados a 67% de meninas. Um quarto das crianças castigadas afirmou ter sofrido ferimentos em consequência disso. E crianças já discriminadas em virtude, por exemplo, de deficiência, pobreza, casta, classe, etnia ou sexualidade, têm mais probabilidade de sofrer castigo corporal do que suas colegas.

O castigo corporal em escolas não está restrito a países em desenvolvimento. Ele é permitido por lei na Coreia, França e em diversos estados australianos e norte-americanos. Nos EUA, as escolas são as únicas instituições em que o uso da violência é permitido por lei. Ele é proibido em hospitais psiquiátricos, exército e prisões.

Causas

O castigo corporal é frequentemente defendido em nome da tradição e às vezes em nome da religião. O suposto impacto benéfico no comportamento infantil também é frequentemente usado como argumento para defender a punição física como um método disciplinar. Em alguns países, bater em uma criança é considerado 'direito' de pais e professores.

Mesmo nos casos em que o castigo corporal é ilegal ou limitado por lei, sua aceitabilidade cultural corrói a imposição da lei. Em diversos países, perpetradores suspeitos não são responsabilizados.

Os problemas se acentuam em países nos quais os professores têm pouco treinamento e motivação. No Equador, por exemplo, muitos professores são mal remunerados e não recebem treinamento quanto a formas positivas de controlar as classes. Conseqüentemente, muitas vezes eles recorrem a métodos de controle punitivos e fisicamente violentos.

Conseqüências

Em sua pior faceta, o castigo corporal pode ocasionar ferimentos físicos ou levar à morte. Para dizer o mínimo, ele tem um efeito prejudicial nos resultados de aprendizado das crianças. Crianças que enfrentam castigo corporal na escola também estão mais propensas a abandonar os estudos. Uma pesquisa realizada no Nepal, onde o castigo corporal é rotineiro, constatou que 14% do abandono escolar pode ser atribuído ao temor que alunos têm dos professores.

O castigo corporal tem maior probabilidade de incentivar as crianças a agir com violência do que melhorar seu comportamento. Crianças fisicamente castigadas têm menor probabilidade de apresentar um comportamento altruísta ou sentir empatia por outros.

Em longo prazo, o castigo corporal está associado a suicídio, depressão e alcoolismo. As vítimas têm maior propensão a desenvolver uma conduta desordeira e agressiva e a agredir seu cônjuge ou seus próprios filhos, perpetuando, assim, o ciclo de violência em suas famílias e comunidades.



Nossos professores deviam estar ali para nos ensinar e não para nos tocar onde não desejamos... Sinto vontade de sumir do mundo quando, em vez de me proteger, uma pessoa me destrói.

Menina, 15 anos de idade, Uganda

Violência sexual

Extensão

A Organização Mundial de Saúde estima que 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos foram estuprados ou sofreram outras formas de violência sexual. Mas atualmente não há estimativas confiáveis sobre quanto deste abuso ocorre nas escolas.

Todavia, sabemos que a violência sexual é habitualmente praticada por pessoas conhecidas da criança e que o abuso sexual na escola é um grave problema em diversos países. Uma pesquisa na Uganda constatou que 8% dos meninos e meninas questionados, na faixa de 16 e 17 anos de idade, haviam tido relação sexual com seus professores e 12% com a equipe auxiliar. No Equador, um estudo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual apurou que 37% apontavam os professores como perpetradores.

As meninas se acham sob risco maior de violência sexual na escola e freqüentemente se deparam com uma dupla ameaça, vinda tanto de professores como de alunos. Estudos na África e na América Latina constataram que algumas meninas são coagidas a praticar atos sexuais por professores que as ameaçam com notas baixas se elas não cooperarem. Esse abuso é visto freqüentemente como parte inevitável da vida escolar e as autoridades educacionais ficam muitas vezes relutantes em atacar o problema ou em levar os agressores à justiça.

Na Tailândia, o Centro de Proteção às Crianças e Familiares, relatou que a cada semana pelo menos um professor abusa sexualmente de um aluno. Um estudo na Holanda mostrou que 27% dos alunos sofreram assédio sexual por funcionários da escola, e na Suécia, 49% das meninas de 17 e 18 anos sentiam que o assédio sexual na escola era um problema significativo.

Causas

As causas da violência sexual variam muito, mas o comportamento dos professores e os estereótipos tradicionais ligados ao sexo são os fatores chave. Ao não responder seriamente às queixas de abuso sexual, professores e autoridades escolares transmitem a mensagem de que ele será tolerado. Além disso, a ausência de condenações públicas em diversos

países significa que os perpetradores não são responsabilizados por seus crimes.

Meninas em sociedades nas quais as mulheres têm status inferior apresentam maior probabilidade de sofrer violência sexual na escola. Na América Latina, sul da Ásia e sudeste islâmico da Ásia, a violência sexual contra meninas tende a permanecer um crime silencioso devido à importância vinculada à pureza sexual delas. Em algumas partes do sul da Ásia, o estupro é visto primeira e principalmente como uma ofensa contra a honra de integrantes do sexo masculino da família. Na América Latina, meninas que engravidam são freqüentemente expulsas da escola e aquelas infectadas com o HIV enfrentam discriminação.

Em alguns países africanos, a crença popular de que a Aids pode ser curada mantendo-se relações sexuais com uma virgem provocou o abuso de alunas portadoras de deficiências que são vistas como alvos fáceis e que se presume (nem sempre corretamente) serem sexualmente inativas.

Conseqüências

Vítimas de violência sexual sofrem trauma físico e psicológico e ficam sob risco de infecções sexualmente transmissíveis, inclusive o HIV. As jovens também enfrentam graves problemas de saúde, incluindo as conseqüências de gravidez indesejada, abortos inseguros até a morte. São estigmatizadas socialmente e acabam sendo obrigadas a deixar a escola.

Um estudo australiano constatou associações duradouras entre abuso sexual infantil e problemas como saúde sexual e mental, violência doméstica e problemas nos relacionamentos íntimos em momentos posteriores da vida. Algumas crianças se voltam ao álcool ou às drogas como um mecanismo de lidar com o problema e acabam se tornando delinqüentes.

A violência sexual forma uma barreira ao acesso de meninas e jovens mulheres à educação e à capacidade de extrair benefício desta educação. Trata-se de um poderoso fator para influenciar os pais a manterem as meninas fora da escola, para que elas mesmas evitem a escola e para o desempenho inferior das garotas em classe.

Uma vez um amigo me bateu na frente do professor; ele me socou e chutou ... e eu fiquei machucado. O professor não fez nada.

Menino, 13 anos de idade, Equador

Bullying

Extensão

O termo bullying foi adotado universalmente para definir atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. É um comportamento comum em escolas do mundo inteiro. Levantamentos conduzidos em um grande número de países constataram que entre um quinto (China) e dois terços (Zâmbia) das crianças entrevistadas haviam sido vítimas de bullying (verbal ou físico) nos últimos 30 dias.

Em um levantamento queniano realizado com 1.000 alunos de escolas públicas de Nairóbi, entre 63,2% e 81,8% relataram diversos tipos de bullying. Em um distrito em Benin, 82% dos professores e 92% dos alunos confirmaram incidências de bullying. Um estudo em Bogotá, Colômbia, com mais de 1.000 participantes, constatou que 30% dos meninos e 17% das meninas haviam se envolvido em uma briga. Um quinto dos entrevistados tinha sido vítima de bullying diariamente.

Os meninos têm geralmente maior probabilidade do que as meninas de serem tanto vítimas como perpetradores, embora nem sempre – meninas são intimidadoras mais freqüentes no Japão. Os meninos são mais propensos a usar intimidação física e violência, ao passo que as meninas tendem a usar intimidação verbal e social.

O cyber bullying, o uso da internet, de celulares e de outras tecnologias digitais para ameaçar ou abusar de crianças significa que agora a intimidação pode ocorrer em qualquer momento quase sem limitação.

Causas

Apesar de a natureza disseminada do problema, somente cinco dos 66 países examinados na pesquisa da Plan – Coréia, Noruega, Sri Lanka, Reino Unido e EUA – possuem leis que proíbem o bullying nas escolas.

As crianças se tornam alvos freqüentes de intimidadores devido à sua etnia ou orientação sexual. Crianças deficientes também são mais passíveis de serem alvos, assim como as crianças mais jovens, de menor estatura e mais frágeis. A intimidação de crianças originárias de famílias afetadas pelo HIV é um problema crescente.

O bullying está ligado a experiências de violência em casa, uma vez que as crianças aprendem que a violência é um mecanismo primário para negociar relacionamentos. Crianças

que sofrem de violência familiar têm maior probabilidade de serem intimidadoras e intimidadas.

A violência física, em geral, e o bullying, em particular, também são mais comuns em escolas superlotadas com supervisão imprópria de adultos e políticas escolares inadequadas. Crianças que freqüentam escolas localizadas em bairros pobres ou violentos ou nos quais a discriminação contra grupos étnicos ou outros grupos é aceita, também estão mais propensas e vivenciar a violência.

Por culpa e vergonha, a maioria das vítimas não comunica o que está sofrendo. Além disso, poucas vítimas acreditam que suas escolas adotarão uma medida efetiva para melhorar a situação. Crianças intimidadas tendem a ter um grupo reduzido de amigos que poderia lhes proporcionar amparo e proteção.

Há também a corroboração de que a necessidade econômica e a desigualdade social são fatores chave que alimentam tanto o bullying como a violência sexual em um grande número de países. Níveis crescentes de privação, desigualdade e exclusão social exercem um papel preponderante na violência em escolas.

Conseqüências

As vítimas de bullying podem perder a auto-estima, sentir-se envergonhadas, sofrer de ansiedade e passar a desgostar da escola. Elas freqüentemente cabulam as aulas para evitar nova agressão. Aquelas que permanecem na escola freqüentemente desenvolvem problemas de concentração e dificuldades de aprendizado. Outras reagem agressivamente, algumas vezes intimidando outros colegas em um esforço de reconquistar o status.

Nos casos mais graves, as vítimas de bullying sofrem de tensão crescente, um risco mais alto de abuso de drogas e de suicídio. Essas crianças apresentam cinco vezes mais probabilidade de sofrer de depressão do que suas colegas, sendo que as meninas apresentam oito vezes mais chances de serem suicidas.

Mas os agressores também enfrentam problemas – eles têm maior probabilidade de sofrer de ansiedade e depressão e estão sob risco mais elevado de cometer suicídio e autoflagelação.

Diversos estudos africanos sugerem que a experiência infantil de bullying aumenta o comportamento anti-social e adoção de riscos na vida adulta. Nos EUA, 60% dos intimidadores terão no mínimo uma condenação penal até os 24 anos.

Minha professora é diferente. Se ela vê duas crianças conversando ela vem e senta com elas ou pede que saiam da classe, mas não usa violência.

Participante do projeto de prevenção de castigos físicos e emocionais da Plan, Vietnã

Combatendo a violência nas escolas: o que funciona?

Embora os dados disponíveis identifiquem intervenções que contribuíram para a redução da violência escolar, é importante entender o contexto social, político e cultural em que os programas são realizados. O que funciona em uma comunidade, país ou região específica, pode não ser eficiente em outro local.

Intervenções locais

Ainda assim, as informações coletadas sugerem que as estratégias locais mais eficientes para combater a violência escolar são aquelas que se concentram na própria escola, por exemplo: mudança nas técnicas usadas em classe, por meio de treinamento de professores, promoção da conscientização dos direitos infantis e estabelecimento de normas claras referentes ao comportamento na escola. O compromisso e amparo ativo por parte de adultos, principalmente dos professores e dos pais, é crucial e exige frequentemente o treino dos pais.

Muito também depende da forma como a escola implementa a mudança. Escolas que já se acham organizadas de uma forma pró-ativa e democrática, com sólidos elos com suas comunidades, têm mais chance de êxito.

Programas eficientes são geralmente aqueles baseados no incentivo, não na repressão. Programas de treinamento em estilo militar – nos locais em que foram implantados – não reduziram o número de casos.

Promover a conscientização das crianças quanto aos seus direitos e incentivar sua participação na governança escolar é de importância fundamental para superar ambientes escolares autoritários e promover a cultura da não-violência.

Mecanismos legais e sociais

A proibição da violência nas escolas estipulada por lei é um primeiro passo vital rumo a tornar as escolas seguras para as crianças. Se a violência não for proibida por lei, então se torna difícil convencer as comunidades, as autoridades escolares e os pais de que é inaceitável. Uma escola que tolera alguma forma de violência contra crianças – como castigo corporal – tem probabilidade de ser permissiva com outras. De fato, as diferentes formas de violência escolar estão ligadas. Uma menina que concede favores sexuais a um professor espera evitar apanhar, ao passo que aquela que rejeita um professor se arrisca a uma surra.

Atualmente, presta-se pouca atenção à qualidade das leis para combater a violência na escola ou sua obrigatoriedade. Isto contrasta acentuadamente com o debate político sobre violência contra meninas e mulheres, no qual se dá ênfase considerável a medidas judiciais.

Mas as leis sozinhas não são suficientes. Uma firme obrigatoriedade é um próximo passo necessário para reduzir o número de crianças que sofrem de violência na escola. Sem obrigatoriedade de cumprimento, as leis se tornam amplamente irrelevantes.

Recursos também são vitais – assegurar orçamentos suficientes e confiáveis garante financiamento para implementar mudanças positivas nas escolas e sinaliza o compromisso político de abordar o problema.



© Plan. Alunas, Paquistão.

A Plan convoca à ação

Nenhum país está imune à violência nas escolas, sendo que o abuso sexual, o castigo corporal e o bullying podem ter efeitos devastadores nas crianças.

Uma escola isenta de violência é o direito de cada criança.

A Plan irá atuar rumo a um mundo em que:

1. Nenhuma pessoa possa infligir violência a crianças nas escolas sem sofrer punição.
2. As crianças sejam capazes de relatar incidentes violentos e esperar cuidado e respaldo apropriado quando foram afetadas por violência escolar.
3. As crianças sejam reconhecidas como participantes essenciais no desenvolvimento de estratégias e soluções para tratar da violência nas escolas.
4. Governos estabeleçam sistemas holísticos de coleta de dados e realizem pesquisas para certificar-se da escala e gravidade da violência em suas escolas.
5. Recursos significativos sejam alocados por governos e organizações internacionais para combater a violência nas escolas.
6. Agências da ONU, doadores multilaterais, bancos de desenvolvimento e ONGs internacionais aumentem o apoio a governos para combater a violência em escolas.
7. Alunos, pais, toda a equipe escolar e a comunidade trabalhem em conjunto para expulsar a violência das escolas.



© Plan/Luis Vera – Garotas de um grupo de direitos infantis, Paraguai.



© Plan – Almas, Bolívia

A Plan fará sua parte. Além de fazer campanha em favor da mudança, integraremos programas para impedir a violência escolar em nossos projetos educacionais e de proteção infantil e forneceremos treinamento a equipes e voluntários para combater o problema de frente. Atuaremos junto a governos para desenvolver e exigir o cumprimento de leis contra a violência escolar, trabalharemos em alianças para desenvolver sistemas de relatórios sobre crianças afetadas por violência escolar e defenderemos o estabelecimento de telefones de ajuda infantil. Atuaremos junto a professores e pais para disciplinar as crianças sem usar violência e faremos parceria com autoridades educacionais para desenvolver e implementar planos de ação para alcançar escolas livres de violência.

Toda a violência contra crianças pode ser evitada. E existem várias soluções simples que ajudam a obter uma grande mudança. Mas essa mudança exige que cada um de nós assuma uma responsabilidade individual para eliminar de vez a violência contra crianças nas escolas.

**A Plan está preparada.
E convocamos a todos para se unirem a nós!**

Para saber mais e participar, visite nossos sites:

plan.org.br

plan-international.org/learnwithoutfear



**Aprender
sem medo.**